

# A DOCUMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA SOBRE AS FIGURAS ZOOMORFAS DE CERÂMICA DO SÍTIO BRAZABRANTES I NO CENTRO OESTE BRASILEIRO

José Luiz Lopes Garcia<sup>1</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Francesco Palermo Neto<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

## RESUMO:

O presente artigo pretende destacar pequenas peças zoomorfas em cerâmica encontradas no Estado de Goiás a 30 km da capital Goiânia próximo à cidade de Brazabrantés no Sítio Brazabrantés I, dentro do Projeto da Ferrovia Norte-Sul, Extensão Sul. Os métodos de escavação utilizados iniciaram-se com níveis artificiais de 0,10 m durante todo o resgate, até quando se começou a escavação da trincheira e suas ampliações decorrentes da grande quantidade de material encontrado. Espera-se que o aprofundamento das pesquisas no Sítio Brazabrantés I e a análise laboratorial de todo material resgatado possa trazer mais esclarecimentos sobre as peças ali encontradas.

## PALAVRAS CHAVE:

Arqueologia; Resgate; Zoomorfos

## ABSTRACT:

This article seeks to highlight small zoomorphic ceramic pieces found in the state of Goiás- Goiania 30 km from the capital near the town of Brazabrantés in Brazabrantés Site I, within the North-South Railway Project. Excavation methods began with artificial levels of 0.10 m throughout the rescue, even when it started to dig the trench and its expansions resulting from the large amount of material found. Hopefully that the deepening of the research material in Brazabrantés Site I and analysis laboratory of all material rescued can bring further clarification of the pieces found there.

## KEYWORDS:

archeology; rescue; zoomorphic.

---

<sup>1</sup> Atualmente é coordenador geral de pesquisa da Fundação Aroeira PUC – GO.

<sup>2</sup>Arqueólogo PUC-GO.

Dentro da língua portuguesa, a palavra “zoomorfo” caracteriza-se como qualquer forma que carregue em si uma característica animal, derivando-se dela o conceito de zoomorfismo, culto religioso que dá às divindades formas animais (SILVEIRA BUENO, 2007). Sabe-se que no estudo da arqueologia as figuras zoomorfas encontradas em cerâmica possibilitaram, até certo ponto, hipotetizar estudos sobre a fauna de cada região onde as peças foram encontradas (CADENA e BOUCHARD, 1980: 50).

André Prous (1992:233) destacava as esculturas zoomorfas dos sambaquis<sup>3</sup>, em pedra e osso, divulgadas desde o século XIX pelos primeiros arqueólogos, que se recusavam a acreditar que os indígenas brasileiros, tão ‘atrasados’ e selvagens, pudessem ser os autores de obras esteticamente tão impressionantes. Sendo assim, até os anos 30 procurou-se uma origem andina para essas realizações. O que se sabe é que foram pouco mais de 240 peças encontradas em quase quarenta sítios, desde o sul de São Paulo (Iguape) até o Uruguai. Além dos sambaquis, foram achados também na encosta norte da serra no Vale do Jacuí e em sítios abertos do Uruguai.

Cadena e Bouchard (1980:50) ressaltaram um estudo de análise das espécies da fauna local realizado a partir da seleção de pequenas figuras de cerâmica, pré-colombianas, procedentes da região de Tumaco, Colômbia e da região de La Tolita, Equador, pertencentes às coleções do Museu Nacional de Antropologia de Bogotá e do Museu do Banco Central do Equador, em Quito.

Pesquisando-se sobre os estudos arqueológicos na região Amazônica (NEVES: 70; PROUS, 2006: 119), encontraram-se relatos sobre um pequeno, porém representativo repertório de estatuetas em pedra polida representando seres humanos e animais, com destaque para onças e sucuris. Estes artefatos foram associados à cerâmica Konduri, encontrada próxima a Santarém, na região dos rios Nhamundá e Trombetas, bem como na região de Parintins, caracterizada também por uma profusão de apliques modelados entre os quais dominavam os sapos e o urubu-rei.

Também em locais como a Ilha de Marajó, Santarém, alto Tapajós e até mesmo ao norte de Manaus registrou-se a presença de artefatos de pedra conhecidos como os muiraquitãs, encontrados inclusive fora da Amazônia, nas Guianas e ilhas do Caribe (NEVES, 2006:70).

O fato é que a distribuição de muiraquitãs por ampla área indica que as populações amazônicas do início do segundo milênio não estavam isoladas, mas sim integradas em redes de comércio ou de outros tipos, que permitiam o contato. Devido ao seu tamanho reduzido e alta portabilidade, muiraquitãs são peças sujeitas a roubo e contrabando (NEVES, 2006, p.70).

Muitas outras ocorrências foram registradas em pontos isolados, mas ainda insuficientemente estudados da Amazônia. Simonsen (1980:30) e Prous (2006:121) falam de modelagens cerâmicas pré-históricas representando animais (sobretudo peixes, inclusive arraias, aves, tamanduá, porco-espinho) que foram jogadas em grande quantidade na lagoa Miararré, no Alto Xingu, perto da

3 A palavra sambaqui seria derivada de *tamba* (marisco) e *Ki* (amontoamento) em tupi. Trata-se, portanto de uma acumulação artificial de moluscos, vestígios da alimentação de grupos humanos. A palavra caracteriza sítios arqueológicos de depósitos homogêneos, nos quais as conchas estão bastante repartidas em superfície e profundidade, formando a quase totalidade da amassa sedimentar (PROUS, 1992).

aldeia Kikuro, provavelmente datadas dos séculos XIV e XV. Segundo os indígenas atuais, a presença destas peças na lagoa, garantia a riqueza em peixes, desde que as peças não fossem tocadas com a mão pelos homens.

Na fronteira entre o domínio da floresta amazônica e as extensões da caatinga do Nordeste, antigas prospecções realizadas em 1919 evidenciaram a existência de ricos sítios no baixo curso do rio Pindaré (Maranhão), onde em lagoas rasas foram coletados milhares de cacos de cerâmica original, com as paredes marcadas por impressão de folhas e de cestaria, feitas na pasta ainda úmida e com apêndices eventualmente zoomorfos (PROUS, 2006:93).

A presença de representações cerâmicas zoomorfas tanto na região do Equador como na Amazônia confirmaram a teoria da influência da Mesoamérica e Andes centrais na civilização do Novo Mundo. O conhecimento das seqüências culturais de ambas as áreas tornou evidente que este intercâmbio começou em época relativamente antiga (MEGGERS, 1979:68).

Durante o Período Formativo<sup>4</sup> inicial, os mais significativos traços, incluindo a manufatura de cerâmica e certas plantas domesticadas passaram de uma à outra região. Começando pouco antes da era cristã e continuando até a época da conquista espanhola, a evidência de contato é mais abundante, refletindo, talvez, expedições planejadas de comércio (MEGGERS, 1979, p.68).

Pequenas máscaras de cerâmica e numerosos detalhes de vestimentas, ritos e artes, estavam entre os elementos introduzidos do México para a costa do Equador. Abundantes figurinhas de argila (faces grotescas com aspecto felino), feitas com moldes, encontradas na região da Mesoamérica, mais especificamente em todas as terras altas e nas costas de Vera Cruz, Chiapas e Guatemala, confirmaram que aos poucos estas figuras iam perdendo seu significado, sendo descartadas após breve período de uso, provavelmente em rituais de cura (MEGGERS, 1979:68).

Pretende-se com este artigo destacar pequenas peças zoomorfas em cerâmica encontradas no Estado de Goiás a 30 km da capital Goiânia próximo à cidade de Brazabrantes no Sítio Brazabrantes I, dentro do Projeto da Ferrovia Norte-Sul, Extensão Sul, que é apresentado a seguir.

### **O Projeto da Ferrovia Norte-Sul - Apresentação Sintética:**

O Projeto de Levantamento, Monitoramento e Resgate do Patrimônio Arqueológico das Obras de Implantação da Extensão Sul da Ferrovia Norte Sul (FNS) entre os Municípios de Ouro Verde – Goiás e Estrela D'Oeste – São Paulo, foi elaborado e vem sendo coordenado pela equipe de arqueólogos da Fundação Aroeira. Trata-se de um projeto que vem sendo executado desde o segundo semestre de 2010 e encontra-se em fase de encerramento. Foram realizados levantamento e resgate do patrimônio histórico cultural e pré-histórico na área de implantação desse projeto, que abrange 26 municípios em Goiás, 5 municípios em Minas Gerais e 9 municípios no Estado de São Paulo (NUNES e MENDONÇA, 2010)

4 O período Formativo da civilização mesoamericana alcançou seu clímax entre 1.500 e 1.000 a.C.

Os programas de levantamento, monitoramento e resgate de sítios arqueológicos em áreas de impacto ambiental são práticas irreversíveis, que têm se tornado permanente na pesquisa arqueológica brasileira. Com isso, o gerenciamento de bens culturais pela arqueologia desenvolvida em contexto de impacto ambiental, é prática necessária, pois como sabemos, o patrimônio arqueológico é um bem esgotável e o sítio arqueológico não é renovável e nem tão pouco pode ser repostado (Lipe, 1974 citado por NUNES e MENDONÇA, 2010).

Ainda segundo os mesmos autores, o objetivo principal do projeto da FNS é incorporar conhecimento efetivo sobre o processo de ocupação territorial através dos padrões de assentamento e subsistência das populações pré-históricas que habitaram a região, ou seja, compreender a maneira pelas quais as atividades sócio-culturais dos grupos estavam inter-relacionadas e distribuídas sobre aquela paisagem.

O termo paisagem é muito bem apresentado e discutido por Chantal Blanc-Pamard e Jean-Pierre Raison na Enciclopédia Einaudi, edição portuguesa de 1986, que caracteriza a paisagem como a análise de tudo quanto é visível à observação, sendo, portanto um mecanismo complexo de múltiplas variáveis. É esta a evolução duma ciência que, tendo começado pela simples descrição do ambiente que envolve o homem, veio no nosso tempo debruçar-se com maior atenção sobre a rede de relações que ligam e ligaram os homens ao território desde que, com as primeiras formas de domesticação animal e vegetal, a sua ação transformou a natureza (Blanc-Pamard e Raison, 1986, citados por MORAIS, 2006).

### **Caracterização da Área Trabalhada – O Contexto Ambiental e Histórico do Sítio Brazabrantes I:**

A área total do projeto de engenharia da Extensão Sul da Ferrovia Norte Sul é de 665,80 km de extensão, estendendo-se pelo centro-sul de Goiás, oeste de Minas Gerais e São Paulo. Inserida principalmente no domínio do Cerrado e em áreas de tensão ecológica caracterizada por savana, floresta estacional, com influência de elementos atlânticos (IBGE, 2004 citado por NUNES e MENDONÇA, 2010).

O trecho da ferrovia onde se localiza o Sítio Brazabrantes I inicia-se no km 17, que foi o objeto de estudo da presente pesquisa. O trabalho de resgate no Sítio Brazabrantes I teve início em 04 de fevereiro de 2011.

A ferrovia cruza a fronteira do Município de Brazabrantes (GO), com seu traçado acompanhando a margem direita do Ribeirão Cachoeira, em seguida o Ribeirão dos Gonçalves e mata de galeria.

O sítio localiza-se no Município de Brazabrantes a 3,8 km de distância da sede municipal. Emancipado em 1958, o município conta com uma área de 124 Km<sup>2</sup> e uma população de 3142 habitantes sendo a principal atividade econômica o comércio e a pecuária (IBGE, 2007 citado por NUNES e MENDONÇA, 2010).

O Sítio Brazabrantes I encontra-se em área rural dentro de uma fazenda de criação de gado nelore. Apesar de seu solo não ter sido mexido recentemente

te, mesmo assim sua área foi degradada há alguns anos atrás, com a aragem do solo para o plantio de capim braquiaria, que dificulta a visualização de material arqueológico, aliado a isso o pisoteamento pelo gado acentuou a compactação do solo. Estradas foram abertas para circulação interna da fazenda, várias cercas foram construídas e outras desmanchadas para manejo do gado, impactando também o solo com uma grande quantidade de estacas e mourões. Apesar da degradação, a área em que se encontra o sítio tem em seu entorno o Ribeirão dos Gonçalves, que no trecho em que acompanha o sítio, suas margens são protegidas por mata galeria, ribeirão esse que ainda hoje demonstra a presença da fauna em seu entorno, com alta piscosidade de suas águas e abundância de mariscos em suas margens arenosas. Raposas, pacas, aves de pequeno e médio porte foram registradas durante o trabalho, demonstrando que a área em tempos pretéritos deveria ser abundante em fauna e flora, fortalecendo a hipótese de ter sido um ótimo local para assentamento.

Especificando a área de estudo, tem-se como principal vegetação o capim braquiaria, devido a criação de gado no local. Encontra-se também a vegetação de cerrado e mata de galeria que acompanha o leito do Ribeirão dos Gonçalves. O terreno tem inclinação suave que vai se acentuando a medida que se aproxima do rio. Com exceção a sudoeste há alguns trechos de inclinação íngreme que se inicia a aproximadamente 80 a 100 metros antes do rio.

Durante o século XVI, no Brasil Central, motivado inicialmente pela captura de índios e, posteriormente, pela exploração mineral, o colonizador português utilizava como rota de penetração os rios de mais fácil navegação, formando pequenos povoados às suas margens para o apoio das suas atividades. Face às dificuldades da empreitada colonial, os portugueses buscaram alianças com alguns grupos tribais, absorvendo dos nativos, técnicas de controle da natureza e estratégias de sobrevivência na região. A partir de 1641 o bandeirantismo começou a mudar de caçador de índios para busca de jazidas de ouro. A mineração concentrou-se nas áreas centro-sul, polarizada pela Vila de Goiás. Vila Boa foi fundada por Bartolomeu Bueno da Silva Filho, em 1727, com o nome de Arraial de Santana, na região do Rio Vermelho. “Pesquisas revelaram que a região que compreende o Rio Tietê abaixo, indo para Mato Grosso e para Goiás”, ou seja, incluindo o atual Triângulo Mineiro, passou a ser conhecida pelos bandeirantes como a “região dos bilreiros ou caiapós” (Taunay: 1975, citado por NUNES e MENDONÇA). Há diversas referências que indicam que esta era uma área de influência dos grupos Kayapó do Sul.

Os Kayapó foram perdendo o seu domínio do território inicialmente para os bandeirantes, que adentraram o sertão em busca de escravos e ouro. Esta região que era território tradicional dos Kayapó começou a ser compartilhada por outros grupos indígenas que foram levados de outras áreas do centro-oeste para os Aldeamentos implantados pelo governo da Capitania de Goiás, desde 1748 e que sobreviveram até a metade do séc. XIX.

### **O Sítio Brazabrantes – Características arqueológicas:**

Quando se iniciou o resgate no Sítio Brazabrantes I, logo na primeira intervenção de 1m x 1m, constatou-se ser um sítio diferenciado, pois foram retirados aproximadamente 410 fragmentos cerâmicos até o nível 0,60m.

A partir desse fato os sedimentos foram peneirados e minuciosamente vistoriados em todas as intervenções. Outro marco importante no início dos trabalhos foi o primeiro fragmento zoomorfo encontrado com tamanho aproximado de 2 a 3 cm de comprimento que veio a confirmar que a metodologia de peneirar todos os níveis de todas as intervenções era o correto. Esses fatores fizeram com que durante os trabalhos de resgate fossem escavadas 515 sondagens com dimensão de 1m x 1m e profundidade variada num total aproximado de 43.219 fragmentos cerâmicos e 1.973 fragmentos líticos.

Observaram-se algumas concentrações de material cerâmico que se destacaram pela grande quantidade de fragmentos. O Sítio Brazabrantes I caracterizou-se, portanto, por apresentar material lítico e cerâmico disperso na superfície da área, constituindo-se em uma aldeia a céu aberto de grandes dimensões, conforme detalhamento mais a frente.

No estado de Goiás estes assentamentos do tipo aldeia têm sido vinculados às tradições Uru ou Aratu (SCHMITZ et al. 1982: 248). Estes sítios caracterizam-se por estarem estabelecidos predominantemente em uma área de mata mesófila e situam-se sobre declives ou topos planos de pequenas elevações. Distam de 60 a 800 m de água mais próxima e apresentam elementos cerâmicos identificados como neo-brasileiros, supondo-se como o final da fase do período de contato com os colonizadores europeus (WÜST, 1983).

#### Enfoque teórico-metodológico:

Conforme já descrito anteriormente o Sítio Brazabrantes I encontra-se numa área que será impactada pela Ferrovia Norte Sul, destruindo assim boa parte das informações remanescentes dos antigos habitantes do sítio. Visando amenizar este fato, foram empregados procedimentos metodológicos de resgate ou salvamento arqueológico que buscaram contribuir com a compreensão do sítio e suas relações com o entorno, como por exemplo, a observação detalhada dos materiais resgatados e dos locais onde foram encontrados. Essas informações passadas para o croqui de campo contribuíram para uma melhor visualização e tomada de decisão dos passos da pesquisa de campo.

Esta proposta iniciou-se com a definição de sítio arqueológico que envolvesse as áreas de atuação dos que ali viveram e a paisagem, onde buscavam seus recursos de matéria-prima. Tentou-se assim, se colocar no lugar desses antigos habitantes e buscar mais informações espaciais a partir da relação entre a cultura material e os recursos disponíveis encontrados no entorno do sítio.

Para obter informações sobre o ambiente que pudessem estar relacionadas a fatores econômicos, foi feita uma verificação do entorno da área.

No sítio Brazabrantes I foram identificadas fontes de matéria-prima muito próximas às áreas de concentração de material arqueológico. O afloramento rochoso próximo à margem do rio é de matéria-prima semelhante a uma das machadinhas encontradas no sítio, o que pode sugerir uma fonte de recurso disponível. A sudoeste foi identificada também uma área com argila de boa qualidade que poderia ter sido usada pelos seus moradores da época. Além da disponibilidade de água fornecida pelo rio, e da fauna e flora da mata de galeria.

O conceito de retroalimentação proposto por Redman (2006) fez surgir novos questionamentos e mudanças em campo. No caso específico deste trabalho foi a observação dos locais onde os materiais foram encontrados, a paisagem, ou seja, todas as informações observadas em campo que retroalimentaram o trabalho para que se pudessem ser visualizadas novas situações, utilizando-se do raciocínio dedutivo e indutivo, obtendo-se mais informações e tirando-se mais conclusões que pudessem ajudar no objetivo final.

Sabe-se que uma ferramenta que o arqueólogo deve utilizar é sua caderneta de campo, neste caso, as anotações feitas no dia a dia foram somando informações para uma análise ou raciocínio prévio sobre o sítio e seu entorno. Este conjunto de informações induziu ou direcionou certas ações em campo, para uma melhor tomada de decisão do que deveria ser feito.

No reconhecimento do entorno do sítio, foram percorridos vários caminhos pelo pesquisador, iniciando-se com distâncias próximas aos possíveis limites do sítio e indo até um raio aproximado de dois quilômetros, sendo que em algumas direções essa distância não foi possível de ser percorrida, devido a barreiras naturais, como por exemplo, o Ribeirão dos Gonçalves.

Quanto aos métodos de escavação iniciou-se por níveis artificiais de 0,10 m durante todo o resgate, até quando se começou a escavação da trincheira e suas ampliações decorrentes da grande quantidade de material encontrado (Figuras 1 e 2).



Fig. 1 e 2 Detalhe da concentração de material cerâmico na trincheira.

Alguns locais com material cerâmico se destacaram pela grande quantidade de fragmentos. Essas áreas de concentração foram separadas no croqui para serem melhor observadas, constatando-se cinco grupos compostos com uma média de 1.300 fragmentos em cada grupo, formando um polígono com uma área interna praticamente sem material ou com pouco material. Analisando-se ainda essa concentração, separou-se o grupo de sondagens com maior número de fragmentos, e dentre elas a sondagem com maior quantidade de material.

A partir dessa sondagem marcou-se inicialmente mais 06 sondagens consecutivas na mesma linha sentido norte sul, que juntas formaram uma trincheira de seis metros. Nelas o material cerâmico estava sobreposto, fazendo com que desde a superfície até o nível 0,40 m fossem feitas escavações utilizando-se a decapagem. Foram marcadas mais cinco quadrículas desse mesmo ponto, com sentido para o norte, aumentando-se assim a trincheira para 11 metros de comprimento. Escavando essas cinco sondagens verificou-se que a quantidade

de material aumentou muito nos três primeiros metros, e as duas últimas ainda apresentou material, mas em quantidade bem menor que nas três anteriores citadas. Nesse trecho quando observado o perfil oeste verificou-se uma mancha mais escura se sobressaindo ao latossolo vermelho, com comprimento aproximado de sete metros (Figura 3) e espessura que varia entre 0,20m e 0,40 m do centro para as extremidades com fragmentos cerâmicos incrustados.

Isso feito constatou-se que na direção norte e sul a quantidade de material reduzia. Este fato mostrou que a trincheira deveria ser aberta na direção oeste e leste, mas partindo-se do ponto com maior concentração. Decapou-se uma superfície de 110 m<sup>2</sup> até 0,20m, de onde se retirou mais de 28.110 fragmentos cerâmicos até esse nível. A escavação da trincheira foi feita em várias profundidades, de acordo com as quantidades de material que apareceram até se atingir pelo menos dois níveis estéreis, ou seja, 0,20m de profundidade. Nesta trincheira se chegou a 105 intervenções, sendo destas 34.272 cerâmicos e 1.329 líticos resgatados.

Durante os trabalhos de resgate, e pensando-se em todas as especificidades apresentadas pelo sítio Brazabrantes I, sentiu-se a necessidade de mais informações sobre o assentamento, mais especificamente na escavação da trincheira, pois esta se localizava exatamente no ponto do assentamento onde foi encontrada uma maior quantidade de material cerâmico. Decidiu-se coletar sedimentos deste local, assim como sedimentos junto com o material cerâmico para que fosse feita uma datação por termoluminescência. Estes sedimentos foram retirados exatamente dos pontos onde se visualizou a camada estratigráfica mais escura (mancha) com cerâmicas incrustadas (Figura 3).



Figura 3. Trincheira com detalhe da mancha no perfil estratigráfico.

Os resultados prévios demonstraram que a aldeia provavelmente constituía-se de moradias em torno de uma área central vazia, parecendo ter forma elíptica, com aproximadamente 100m x 80m. Estas concentrações mais densas abrangem uma área de 180m x 160m, o que corresponderam a 10,2% da área total do sítio.

Wüst e Carvalho (1996:47) colocam que os sítios pré-coloniais no Centro-Sul de Goiás estão ligados as tradições Aratu e Uru, um assentamento anular, com grandes aldeias que podem ter chegado até dois mil indivíduos. No sítio

Guará I, objeto de estudo das autoras, as concentrações estão ocasionalmente associadas a solo preto, que parece corresponder a antigas áreas de habitação e seus entornos, também partem do pressuposto que o espaço de um assentamento não pode ser tratado de forma homogênea.

As informações coletadas em campo confirmaram as autoras acima colocadas, ou seja, que a maior concentração de material esteve associada ao solo escuro, exatamente como a mancha onde foi escavada a trincheira e onde foi encontrado o maior número de fragmentos cerâmicos e líticos do sítio.

## Resultados

A área de delimitação do sítio através do material encontrado, tomando como base de sul a norte, atingiu a uma extensão de 540 metros, de oeste para leste a extensão chegou a 520 metros. Salientando-se que dentro da área total do sítio, temos pequena quantidade de material nas sondagens que o delimitaram e fragmentos espalhados na superfície por toda a área, por causa da retirada da vegetação original e aragem na época em que foi plantado o capim. Neste artigo serão ressaltados apenas os fragmentos cerâmicos com representação zoomorfa.

Parece que a localização das moradias está relacionada aos pontos com grande concentração de material cerâmico e solo antropogênico. No centro desses pontos temos pouco ou nenhum material. A concentração de cerâmica nos pontos citados perfaz aproximadamente 79% de todo o material cerâmico do sítio.

A profundidade máxima de depósito arqueológico chegou a 1,20m, sendo que na abertura de todas as sondagens o patamar adotado foi de escavar até 0,60m. Chegando-se nesse nível e encontrando-se material foram escavados mais 0,20m até não se encontrar mais material, ou seja, todas as sondagens têm no mínimo 0,20m de camada estéril.

Analisando-se os materiais arqueológicos retirados do sítio observaram-se alguns exemplos de fragmentos cerâmicos diferenciados, tais como uma borda acastelada ou algum outro tipo de decoração cuja representação lembra olhos de algum tipo de animal ou pássaro, caracterizando-se, portanto, como formas zoomorfas (Figs. 4, 5, 6, 7,8).



Figura. 4. Zoomorfo - Coruja



Figura. 5. Zoomorfo - Passarinho



Figura. 6. Zoomorfo - Papagaio



Figura. 7. Zoomorfo - Tucano



Figura. 8. Zoomorfo - Sapo

No Estado de Goiás não há referências de bordas com apliques zoomorfos, sendo necessária uma pesquisa mais detalhada para associação cultural do material. Esse material foi encontrado em algumas sondagens do sítio, sendo que em sua maioria foram em sondagens com maior concentração de material cerâmico, associado a fragmentos de lascas.

A região onde se encontra o sítio está localizada a aproximadamente 20 km da capital do Estado de Goiás, Goiânia. No local ainda existe fauna abundante e com parte de mata de galeria preservada, isso foi constatado durante o trabalho de resgate ou salvamento, sendo documentada em fotos e aqui apresenta-se esta fauna destacada como similar aos zoomorfos recolhidos. Foram cinco tipos zoomorfos:

1. A coruja
2. O passarinho
3. O papagaio
4. O tucano
5. O sapo

Percebe-se que quatro destes tipos morfológicos se encontram dentro da classe das “aves” e um na classe de “anfíbios”. Os tipos morfológicos não serão discutidos em termo de classes, mas sim em seu aspecto espécie, ou seja, tentando-se encontrar afinidades na literatura sobre a fauna da região, utilizando-se como referência o livro de Hidasi (1997) sobre as *Aves de Goiânia* e da *Revisão E Detalhamento da Carta de Risco e Planejamento do Meio Físico de Goiânia* (ITCO, 2008).

### Zoomorfo 1 - Coruja:

Destacam-se seis tipos de corujas da ordem Strigiformes, presentes na região. São elas:

1. *Tyto alba tuidara* Gray, 1829, conhecida vulgarmente como Suindara, da família Tytonidae, que vive nos cerrados, campos abertos, grutas, casas abandonadas e torres de igrejas.
2. *Rhinoptynx clamator clamator* Vieillot, 1807, conhecida vulgarmente por Coruja-orelhuda, da família Strigidae, que habitam os cerrados, campos, florestas e matas fechadas.
3. *Otus choliba decussatus* Lichtenstein, 1823, conhecida vulgarmente como Corujinha-de-orelha, também da família Strigidae.
4. *Pulsatrix perspicillata perspicillata* Latham, 1790, conhecida vulgarmente como Murucututu, também da família Strigidae.
5. *Glaucidium brasilianum brasilianum* Gmelin, 1788, conhecida vulgarmente por Caburé ferrugem, também da família Strigidae.
6. *Speotyto cunicularia grillaria* Temminck, 1782, conhecida vulgarmente por Coruja-buraqueira, também da família Strigidae.

### Zoomorfo 2 – Passarinho:

Aves de cabeça grande, boca de sapo, pernas curtas e olhos enormes, caracterizam os pássaros da ordem Caprimulgiformes, que possuem hábitos noturnos e constroem seus ninhos em árvores de galhos secos, onde colam um ou dois ovos com saliva. Imitando com o próprio corpo a continuação de um galho seco (mimetismo), podem passar despercebidas no seu ambiente natural. Existem duas espécies da família Nyctibiidae, presentes na região:

1. *Nyctibius grandis grandis* Gmelin, 1788, vulgarmente conhecido como Urutau-grande.
2. *Nyctibius griséus griséus* Gmelin, 1789, vulgarmente conhecido como Mãe-da-lua.

### Zoomorfo 3 – Papagaio:

Muito estimados pelo homem, os papagaios da ordem Psittaciformes, da família Psittacidae, aparecem em grande quantidade em matas e cerrados. Seis são as espécies mais encontradas na região:

1. *Ara nobilis longipennis* Neumann, 1831, vulgarmente conhecido por Maracanã-pequeno.
2. *Aratinga leucophthalmus leucophthalmus* Muller, 1776, vulgarmente conhecido por Aratinga-do-bando.
3. *Aratinga solstitialis aurocapilla* Kuhl, 1820, vulgarmente conhecido por Jandaia-de-testa-vermelha.

4. *Aratinga aurea aurea* Gmelin, 1789, vulgarmente conhecido por Aratinga-estrela.
5. *Forpus crassirostris vividus* Ridgway, 1888, vulgarmente conhecido por Tuim-de-asa-azul.
6. *Brotogeris versicolorus chiriri* Vieillot, 1817, vulgarmente conhecido por periquito-de-asa-amarela.

#### **Zoomorfo 4 – Tucano:**

São aves belas e curiosas que são perseguidas pelos caçadores devido a sua carne saborosa e plumagem exuberante. Pertencem a ordem Piciformes, da família Ramphastidae, tendo asas curtas, pernas forte, cauda longa, bico enorme e uma língua fina e cumprida que parece uma pena à primeira vista. Três são as espécies encontradas na região:

1. *Ramphastos culminatus pintoii* Peters, 1945, vulgarmente conhecido como Tucano-de-bico-preto.
2. *Ramphastos toco albogularis* Cabanis, 1862, vulgarmente conhecido como Tucanuçu macho.
3. *Pteroglossus castanotis australis* Cassin, 1867, vulgarmente conhecido como Araçari-castanho.

#### **Zoomorfo 5 – Sapo:**

São conhecidas cerca de 150 espécies de anfíbios no cerrado brasileiro, e aproximadamente 28% dessas espécies são endêmicas (RIBEIRO-JÚNIOR & BERTOLUCI, 2009:208). Em Goiânia e seu entorno, seis são as espécies encontradas (ITCO, 2008). São elas, todas pertencentes à classe Amphibia:

1. *Barycholos savagei*, da família Leptodactylidae, vulgarmente conhecida por rã.
2. *Barycholos ternetzi*, também da família Leptodactylidae, também vulgarmente conhecida por rã.
3. *Bufo ocellatus*, da família Bufonidae, vulgarmente conhecido por sapo.
4. *Hyla biobeba*, da família Hylidae, vulgarmente conhecida por perereca.
5. *Hyla pseudopseudis*, também da família Hylidae, também vulgarmente conhecida por perereca.
6. *Hyla rubicundula*, também da família Hylidae, também vulgarmente conhecida por perereca.

#### **Conclusões**

Uma primeira conclusão que se pode fazer desta análise diagnóstica das espécies pelo uso das pequenas peças zoomorfas de argila é a coincidência de terem sido registrados animais até hoje ainda existentes na fauna da região.

Considera-se este Sítio Arqueológico Brazabrantes I como único, pois tais tipos de decoração não se enquadram dentro do padrão pré-estabelecido para esta região. Têm-se neste Sítio um algo mais apenas presente em outros tipos e formas encontradas somente na Região Amazônica.

Sabe-se que a presença de representações cerâmicas zoomorfas tanto na região do Equador como na Amazônia confirmam a teoria da influência da Mesoamérica e Andes centrais na civilização do Novo Mundo, como também o início da comercialização de pequenas peças (MEGGERS, 1979:69). Teria este comércio chegado até aqui, enriquecendo culturalmente aos habitantes desta região?

Cadena e Bouchard (1980:56) ao estudarem pequenas peças zoomorfas encontradas no Equador e Colômbia concluem que estas não tinham a função de representar os animais de subsistência dos habitantes da época, visto que os pré-colombianos tinham como meio de sobrevivência a pesca e não a caça e praticamente não houveram representações de peixes ou animais marinhos entre as pequenas peças encontradas. Sendo assim, os autores concluem que a representação da fauna nestas peças poderia simbolizar a expressão de valores cosmogônicos para estes povos ou relacionados à mitologia própria destes grupos.

Espera-se que o aprofundamento das pesquisas no Sítio Brazabrantes I e a análise laboratorial de todo material resgatado possa trazer mais esclarecimentos sobre as peças ali encontradas, confirmando-se talvez a possibilidade de que estas representações zoomorfas em cerâmica possam ter sido objetos de decoração ressaltando a fauna conhecida e predileta, mas também terem sido utilizadas para representar diferentes hierarquias entre o povo ali existente. O fato de que aproximadamente 80% dos zoomorfos foram encontrados na trincheira que abrange aproximadamente 110m<sup>2</sup> é outro ponto que deverá ser investigado, buscando nas outras áreas de concentração, que não foram feitas o mesmo trabalho da trincheira, um resgate com as ampliações necessárias para poder ter dados suficientes para uma comparação do que se tem hoje e aí sim, ser feita uma análise das figuras zoomorfas abrangendo todo o sítio e a distribuição espacial mais próxima possível da realidade da época.

## Referências

- BUENO, S. 2007. *Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa*/ Silveira Bueno. – São Paulo: FTD.
- CADENA, A e BOUCHARD, J.F. LAS FIGURILLAS ZOOMORFAS DE CERAMICA DEL LITORAL PACÍFICO ECUATORIAL. 1980. In: *Bull. Inst.Fr.Et.And. (IFEA)*. 1980, IX, número 3-4, pp.49-68. Retirado em [www.ifeanet.org/publicaciones/boletines/9\(3-4\)/49.pdf](http://www.ifeanet.org/publicaciones/boletines/9(3-4)/49.pdf), em 19/05/2012.
- HIDASI, J. 1997. *Aves de Goiânia*: Fundação Jaime Câmara, 1997.324.p.II. ITCO (Instituto de Desenvolvimento Tecnológico do Centro-Oeste). 2008. *Revisão e Detalhamento da Carta de Risco e Planejamento do Meio Físico de Goiânia*.
- MEGGERS, B. J. 1979. *América pré-histórica*/ Betty J. Meggers; tradução de Eliana Teixeira de Carvalho. – Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MORAIS, J.L. 2006. Reflexões Acerca da Arqueologia Preventiva. In: V. H. Mori, M. C. de Souza, R. L. Bastos, H. Galo (Org(s).), *Patrimônio: Atualizando o Debate* (pp. 97-115). São Paulo: 9ª SR/IPHAN.

NEVES, E.G. 2006. *Arqueologia da Amazônia*/Eduardo Góes Neves. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

NUNES, L, C. e MENDONÇA, P.C.A. de. 2010. *Projeto de Levantamento, Monitoramento e Resgate do Patrimônio Arqueológico das Obras de Implantação da Ferrovia Norte-Sul entre os Municípios de Ouro Verde – Goiás e Estrela D’Oeste*. São Paulo: Fundação Aroeira.

PROUS, A. 1992, *Arqueologia brasileira*/ André Prous. – Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

PROUS, A. 2006. *O Brasil antes dos brasileiros: a pré-história de nosso país*. Ilustrações Adriano Carvalho. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

RIBEIRO-JÚNIOR, J.W. & BERTOLUCI, J. 2009. Anuros do cerrado da Estação Ecológica e da Floresta Estadual de Assis, sudeste do Brasil. *Biota Neotrop.*, 9(1): <http://www.biotaneotropica.org.br/v9n1/pt/abstract?inventory+bn02709012009>.

REDMAN, C.L. 1973. *Trabalho De Campo Em Estágios Múltiplos E Técnicas Analíticas*. Departamento de Antropologia. Universidade de Nova York. Abril de 1973. Retirado em 06 de maio de 2011 no site: [www.portal25.com/ufrgs/docs/redman](http://www.portal25.com/ufrgs/docs/redman).

SCHMITZ, P. I. et al. 1982. Arqueologia do Centro-Sul de Goiás - uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. In: *Pesquisas, Antropologia*, 33. São Leopoldo: IAP/Unisinos.

SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, A.. 1980. *Modelos etnográficos aplicados á cerâmica de Miarraré*. Goiânia, Ed. Da Universidade Federal de Goiás.

WÜST, I. 1983. *Aspectos da Ocupação Pré-Colonial em uma área do Mato Grosso De Goiás*. – *Tentativa De Análise Espacial*. Dissertação de Mestrado. São Paulo.

WUST, I. e CARVALHO, H.B. 1996. Novas Perspectivas Para o Estudo dos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: A Análise Espacial do Sítio Guará I (GO-NI-100), Goiás. In: *Rev. Do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo*, 6: 47-81.

Artigo recebido em maio de 2015. Aprovado em julho de 2015